

A INSTÂNCIA NARRATIVA EM OBRAS LITERÁRIAS: O DIÁRIO DE ANNE FRANK: O TEMPO SE TORNOU A OBRA E A OBRA SE TORNOU O TEMPO

João Paulo de Sousa Ramalho¹, Prof^a. Dra. Ana Carolina Negrão Berlini de Andrade²

Resumo: O presente artigo se propõe a investigar como as instâncias narrativas contribuem para a construção de significado em obras literárias a partir do livro “O diário de Anne Frank”. Nessa obra, de caráter autobiográfico/memorialista, a instância narradora é, simultaneamente, instância enunciativa (BARROS, 2011, p.242). Isto é, tal qual em outras obras autobiográficas, no caso do supracitado texto, a figura responsável pelo texto como materialidade final, frequentemente associada ao autor implícito, “confunde-se” com a figura do narrador, ao contrário do que usualmente acontece em obras literárias de ficção. Dessa maneira, o presente trabalho terá como foco a literariedade construída no embate entre a narração dos aspectos pessoais e íntimos de Annie Frank e dos acontecimentos históricos que ela testemunha.

Palavras-chave: O diário de Anne Frank. Narrativas de si. Instância narrativa.

1. Introdução

O Diário de Anne Frank, como o próprio título já sugere, é um diário pessoal escrito por Annelies Marie Frank, entre 12 de junho de 1942 e primeiro de agosto de 1944, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi publicado pela primeira vez em 25 de Junho de 1947 por Otto H. Frank, pai de Anne. O diário de Anne Frank tornou-se um dos principais relatos sobre o Holocausto judeu e atualmente os seus escritos estão expostos na Anne Frank House, em Amsterdã. Os direitos autorais da obra pertencem à Fundação Anne Frank, fundada por Otto H. Frank em 1963, que tem como missão preservar toda a memória da sua filha e do seu diário.

No caso da obra em questão, temos o registro íntimo e de fatos cotidianos, ambos específicos do contexto pessoal de uma menina de 13 anos, judia, encarcerada domiciliarmente devido à situação histórico-política de uma Europa dominada por Hitler. Assim, ao longo das entradas do diário, recebemos fragmentos de sua vivência particular ao mesmo tempo em que, entre narrações íntimas, se vislumbra o seu tempo histórico, com todas as suas vicissitudes.

Isso porque Anne e sua família eram de origem judia e, devido à perseguição de Hitler aos judeus, deixam a Alemanha e vão morar na Holanda. Quando a perseguição adentra também aquele país eles se veem obrigados a se esconder e assim o fazem, utilizando para isso o segundo e o terceiro andar do prédio da fábrica de seu pai, que ela denomina no seu diário como “anexo secreto”.

No seu aniversário de treze anos, ela ganha do seu pai um diário, e, durante o período em que estava escondida, ela escutou pelo rádio que todos os escritos feitos durante a guerra seriam publicados. Ela, animada com a notícia, começa a aperfeiçoar sua escrita e cada vez mais se dedica a relatar o que estava

1 Universidade Regional do Cariri, email: joaopauloramalho1997@hotmail.com

2 Universidade Estadual Paulista, email: nba.anacarolina@gmail.com

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

acontecendo na Holanda. Portanto, o seu diário neste momento deixar de ser somente um conjunto de escritos íntimos e se torna um registro da história e de todo o sofrimento vivido pelos judeus durante o holocausto.

Dessa maneira, o presente trabalho terá como foco a literariedade construída no embate entre a narração dos aspectos pessoais e íntimos de Annie Frank e dos acontecimentos históricos que ela testemunha.

2. Objetivo

O presente trabalho tem como foco a literariedade construída no embate entre a narração dos aspectos pessoais e íntimos de Annie Frank e dos acontecimentos históricos que ela testemunha. Compreender os fundamentos teóricos acerca da instância narrativa é o nosso principal objetivo e mais especificamente, procuraremos demonstrar como a conjunção entre diferentes categorias do tempo colabora tanto na construção do significado quanto da expressividade da obra. Isso porque no texto em questão há uma abordagem múltipla do aspecto temporal: temos o tempo psicológico de suas digressões, os tempos histórico e cronológico das datas e dos acontecimentos de fundo e temos, por fim, a experiência de todos esses tempos transformados, ao longo da escrita do diário, na própria narração, responsável, em última instância, pela própria existência do texto final que lemos.

Ou seja, a experiência do tempo, tornada linguagem, caracteriza a obra. Por outro lado, justamente por dar testemunho de um período da História, a obra em questão se inscreve no tempo histórico, tornando-se parte do mesmo e representando-o. A abordagem metodológica a utilizada foi fenomenológica hermenêutica, uma vez que se trata de uma interpretação pessoal baseada em estudos teóricos pertinentes.

3. Metodologia

Inicialmente fizemos a leitura da obra que compõe o corpus do trabalho, seguido de uma pesquisa bibliográfica de autores como Contardo Caligares, que contribuirá com o estudo sobre as autobiografias e os diários ressaltando a questão da íntima relação do escritor com a sua obra, Lejeune (2008), que foi utilizado para a compreensão do pacto autobiográfico e Miranda (1992), que auxiliou no entendimento da ilusão autobiográfica utilizada pela autora, junto a leitura dos textos desses teóricos era feito fichamentos e resumos que auxiliavam na construção do artigo.

4. Resultados

Até o presente momento, após a realização da leitura da obra e dos textos teóricos, podemos constatar através do próprio texto a importância e a relação exercida entre tempo histórico e o tempo psicológico na obra. Anne através do seu diário descreve o seu período histórico, isto é, o holocausto judeu e a Segunda Guerra Mundial. Estes eventos são constatados seja a partir na narração cronológica, por meio das entradas no diário com datas, seja por meio da narração de temas e situações de cunho pessoal, íntimo, nos quais se vislumbra os acontecimentos históricos.

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

Uma das características dos diários são as anotações feitas diariamente, ou quase diariamente. Assim, para determinar a data dos acontecimentos, a cada entrada é feito um registro do dia, mês e ano. É por isso que sabemos que, no início, Anne não tinha muito apreço pelo seu diário, pois ela escrevia pouco e sem muita frequência. Logo, ela mesma não compreendia o motivo de se ter um diário como pode verificar nas suas anotações do dia 20 de junho de 1942:

Faz alguns dias que não escrevo porque eu quis, antes de tudo, pensar neste diário. É estranho uma pessoa como eu manter um diário; não apenas por falta de hábito, mas porque me parece que ninguém — nem eu mesma — poderia interessar-se pelos desabafos de uma garota de treze anos. (FRANK, 2017, p.18.)

No entanto esse interesse muda quando, em 1944, Gerrit Bolkestein, membro do governo holandês que havia fugido do país, faz um pronunciamento via rádio da Inglaterra, afirmando e motivando as pessoas escreverem todos os testemunhos e relatos enfrentados durante a guerra, para assim depois do término do conflito serem reunidos em um livro. Neste momento Anne percebe a importância que seu diário pode ter para a história mundial e resolve organizá-lo da melhor forma possível, preocupando-se em escrever da forma mais clara e precisa tudo o que estava vivenciando naquele período. Consideramos que a partir daí o diário deixa de ser um escrito íntimo para se tornar parte da história de todo um povo, analisada pelo entendimento de adolescente.

Neste sentido, surge uma nova função para aquelas palavras escritas a mão em um caderno, pois este deixa de ser somente um relato pessoal, passando a ser também um relato coletivo, de modo que o sofrimento vivenciado por Anne foi também o do seu povo. Dessa forma, Anne doa a sua própria vida, seus sentimentos, suas memórias ao escrever seu diário, esse desprendimento é parte primordial da construção da obra, ela como autora e ao mesmo tempo personagem é em si a própria história.

É importante salientar que Anne neste momento cria um pacto com o leitor, ou seja, ela assume o compromisso que sua obra seja o mais verossímil possível, pois:

As formas de pacto autobiográfico são muito diversas, mas todas elas manifestam a intenção de honrar sua assinatura. O leitor pode levantar questões quanto a semelhança, mas nunca quanto a identidade. Sabe-se muito bem o quanto cada um de nós preza pelo seu próprio nome. (LEUJENE, 2018, p.26)

Assim era necessário que o diário fosse um relato mais autêntico possível, pois este seria utilizado como referência de todo o sofrimento enfrentado pelo seu povo durante a guerra e o holocausto, além de apresentar aspectos pessoais. Em vários momentos é perceptível a sua descrição psicológica, visto que em vários momentos ela relata o seu sofrimento e a confusão que sua mente vivenciava, principalmente por estar em um ambiente em que a vida era ditada por regras rígidas de convívio social. Isso porque Anne e sua família estavam em um ambiente pequeno e não podiam ser percebidos, de modo que várias atitudes simples, como dar a descarga no banheiro, tomar banho diariamente ou até

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

mesmo descansar, eram proibidas em determinados horários para não chamar atenção para o esconderijo secreto.

Além dessas experiências incomuns, típicas do período histórico, percebemos no diário dúvidas normais de qualquer adolescente e, mesmo que ninguém tivesse interesse pelos seus pensamentos, o diário era de suma importância para ela, como podemos ver no seguinte trecho: “ Mas que importa? Quero escrever e, mais do que isso, quero trazer à tona tudo o que está enterrado bem fundo no meu coração.”(FRANK,2017, p.18.).

Neste contexto psicológico, ela tentou escapar da realidade através da escrita, assim o caderno que ganhara do pai, que inicialmente seria para guardar autógrafos, se transformou em uma amiga tão íntima ao ponto de ganhar até nome: Kitty. Presa em um pequeno quarto, o seu divertimento consistia em ler e escrever. A união desses tipos de tempos, o cronológico e o histórico, aliados à abordagem e ao tempo psicológico, proporciona veracidade à obra, pois o relato de Anne abrange ao mesmo tempo os horrores da holocausto e da guerra e como as pessoas envolvidas se sentiam. Esta era a intenção de Anne, que sabia, ou ao menos desejava, que seu diário futuramente seria parte da história.

5. Conclusão

A partir da análise da obra, ainda em desenvolvimento, percebemos a relação entre a instância narrativa e o tempo para a construção do texto, pois é a partir dessa relação que a obra se instaura em sua especificidade. O Diário de Anne Frank é assim um relato do momento histórico, segundo a descrição “fiel” das impressões de uma adolescente. No entanto, o testemunho e o sofrimento vividos por Anne Frank durante o holocausto judeu e torna parte da história mundial, sobretudo através do pacto autobiográfico, que legitima o relato ao mesmo tempo em que instaura uma humanização e literariedade ao texto

6. Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da sabedoria e a minha mestra Dr^a Ana Carolina por todo o tempo e atenção que me dedicou e por acreditar no meu potencial, ao Governo do Estado do Ceará pelo auxílio financeiro por meio da FECOP para a produção deste artigo e a URCA Universidade Regional do Cariri pelo apoio aos acadêmicos envolvidos.

7. Referências

BARROS, M.L.P. **O discurso da memória: Entre o sensível e o inteligível.** 2011. Tese de doutorado em letras – Universidade de São Paulo, São Paulo.

CALLIGARIS, C. **Verdades de autobiografias e diários íntimos.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 22-24, 1998.

CANDIDO, A. **Poesia e ficção na autobiografia.** In: _____. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.

FRANK. A. **O diário de Anne Frank.** Rio de Janeiro: Edições Best Bolso,2017.

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico. De Rousseau à Internet.** Organização de Jovita Maria G. Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACIEL, S. D. **Diários: escrita e leitura do mundo.** Analecta, Guarapuava, v.3 no 1, p. 57- 62 jan/jun.2002.

MIRANDA, W.M. A ilusão autobiográfica. In: ——. **Corpos escritos.** São Paulo: Editora Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.